



Texto recebido em 17/11/2025

Aprovado em 17/11/2025

doi: 10.11606/0103-2070.ts.2025.242979

A crise do cuidado do capitalismo

Conversando com Nancy Fraser¹

Nancy Fraser é professora de filosofia e política na New School for Social Research e uma das teóricas críticas mais respeitadas da atualidade. Em seu livro mais recente, *Fortunes of feminism: From state-managed capitalism to neoliberal crisis*², Fraser aborda a inquietante convergência entre o feminismo liberal e o capitalismo, e os modos pelos quais o feminismo pode conferir uma aparência de libertação a um sistema de exploração implacável. Ao desenvolver uma crítica ao capitalismo e propor uma visão radicalmente diferente de feminismo, ela mostra como a justiça de gênero deve estar no centro de qualquer luta por uma sociedade igualitária. Mais recentemente, Fraser tem se dedicado ao que chama de uma “crise do cuidado”. Seu ensaio de mesmo título foi publicado na edição número 100 da *New Left Review* (julho/agosto).

1. Este texto é uma versão traduzida de “Capitalism’s crisis of care: a conversation with Nancy Fraser”. *Dissent*, 63 (4): 30-37, 2016. Disponível em <https://dx.doi.org/10.1353/dss.2016.0071>. Tradução de Ana Clara Klink, com revisão de Helena Hirata e Nadya Araujo Guimarães. A entrevista foi conduzida por Sarah Leonard, editora sênior de *Nation* e editora convidada de *Dissent*. Agradecemos a Nick Serpe, editor de *Dissent*, a autorização para publicar a tradução da entrevista como parte deste dossiê.
2. Quando a entrevista foi realizada, em 2016, *Fortunes of feminism* era o livro mais recente de Nancy Fraser [N. R.].

SARAH LEONARD: *O que é reprodução social e por que ela está no centro da sua análise feminista?*

NANCY FRASER: A reprodução social diz respeito à criação e à manutenção dos laços sociais. Uma parte disso tem a ver com os vínculos intergeracionais – ou seja, gerar e criar crianças e cuidar das pessoas idosas. Outra parte diz respeito à sustentação dos laços horizontais entre amigos, familiares, vizinhança e comunidade³. Esse tipo de atividade é absolutamente essencial para a sociedade. Ao mesmo tempo afetiva e material, ela fornece a “cola social” que sustenta a cooperação social. Sem ela, não haveria organização social – nem economia, nem política, nem cultura. Historicamente, a reprodução social tem sido generificada: a maior parte da responsabilidade por ela tem sido atribuída às mulheres, embora os homens sempre tenham assumido uma parte dela.

O surgimento do capitalismo intensificou essa divisão de gênero – ao separar a produção econômica da reprodução social, tratando-as como duas coisas apartadas, localizadas em duas instituições diferentes e coordenadas de duas maneiras distintas. A produção passou a ocorrer em fábricas e escritórios, onde era considerada “econômica” e remunerada com salários em dinheiro. A reprodução ficou para trás, relegada a uma nova esfera doméstica privada, onde foi sentimentalizada e naturalizada, realizada em nome do “amor” e da “virtude”, em oposição ao dinheiro. Bem, ao menos essa era a teoria. Na realidade, a reprodução social nunca se restringiu exclusivamente ao lar privado, mas esteve também presente nos bairros, nas instituições públicas e na sociedade civil; e parte dela foi mercantilizada. Ainda assim, a separação de gênero entre reprodução social e produção econômica constitui a principal base institucional para a subordinação das mulheres nas sociedades capitalistas. Portanto, para o feminismo, não há questão mais importante do que esta.

LEONARD: *Na sua avaliação, entramos em uma crise do cuidado. O que isso significa e como chegamos a esse ponto?*

FRASER: Nas sociedades capitalistas, as capacidades disponíveis para a reprodução social não recebem nenhum valor monetário. Elas são tidas como certas, tratadas como “dávias” gratuitas e infinitamente disponíveis, que não requerem atenção nem renovação. Parte-se do pressuposto de que sempre haverá energia suficiente para sustentar os laços sociais dos quais dependem a produção econômica e a sociedade

3. N.T.: Como a língua inglesa não apresenta flexão de gênero, optamos, nesta tradução, pelo uso do feminino ou do masculino conforme o contexto e o conteúdo das falas, de modo a preservar tanto o sentido original quanto a oralidade da entrevista.

em geral. Isso se assemelha muito à forma como a natureza é tratada nas sociedades capitalistas: como um reservatório infinito do qual se pode extrair o quanto se quiser e no qual se pode despejar qualquer quantidade de resíduos. Na realidade, nem a natureza nem as capacidades de reprodução social são infinitas; ambas podem ser levadas ao ponto de ruptura. Muitas pessoas já compreendem isso no caso da natureza, e estamos começando a entender o mesmo em relação ao “cuidado”. Quando uma sociedade, ao mesmo tempo, retira o apoio público à reprodução social e recruta seus principais provedores para longas e exaustivas jornadas de trabalho remunerado, ela esgota as próprias capacidades sociais das quais depende. Essa é exatamente a nossa situação hoje. O capitalismo atual, financeirizado, está consumindo sistematicamente nossas capacidades de sustentar os laços sociais, como um tigre que devora a própria cauda. O resultado é uma “crise do cuidado” tão grave e sistêmica quanto a atual crise ecológica, com a qual está, de todo modo, profundamente entrelaçada.

Para entender como chegamos até aqui, eu compararia essa forma de capitalismo com as anteriores. Costuma-se considerar que a história do capitalismo é composta por uma sucessão de diferentes regimes de acumulação – por exemplo, o capitalismo liberal, o capitalismo estatal (ou social-democrata) e o capitalismo neoliberal financeirizado. Pesquisadores geralmente distinguem esses regimes com base nas formas específicas de relação entre o Estado e os mercados. No entanto, eles têm negligenciado a relação entre produção e reprodução, que é igualmente decisiva. Essa relação é uma característica fundamental da sociedade capitalista e deve ocupar o centro de nossa análise. Podemos avançar muito na compreensão da história do capitalismo ao nos concentrarmos em como a reprodução social é organizada em cada uma de suas fases: em determinado período, qual parcela do “trabalho de cuidado” é mercantilizada? Qual é sustentada por meio de políticas estatais ou provisões empresariais? Qual permanece localizada nos lares? Nos bairros? Na sociedade civil?

Com base nisso, podemos traçar um percurso histórico desde o chamado capitalismo liberal do século XIX até o regime estatal de meados do século XX e, por fim, até o capitalismo financeirizado da atualidade. Em resumo: o capitalismo liberal *privatizou* a reprodução social; o capitalismo estatal a *socializou* parcialmente; o capitalismo financeirizado a está *mercantilizando* cada vez mais. Em cada caso, uma organização específica da reprodução social vem acompanhada de um conjunto distinto de ideais de gênero e família: da visão liberal-capitalista das “esferas separadas” ao modelo social-democrata do “salário familiar”, passando pela norma neoliberal financeirizada da “família de dois provedores”. Deixe-me explicar.

O caso do capitalismo liberal é bastante claro. Os Estados, em grande medida, limitaram-se a observar enquanto os industriais recrutavam à força as pessoas recém-proletarizadas, incluindo mulheres e crianças, para trabalhar nas fábricas e minas.

O resultado foi uma crise da reprodução social, que provocou protestos públicos e campanhas em favor de uma “legislação” protetora. Mas tais políticas não poderiam, de modo algum, resolver o problema, e seu efeito foi deixar as comunidades operárias e camponesas se virarem sozinhas da melhor forma que podiam. Ainda assim, essa forma de capitalismo foi culturalmente geradora. Ao redefinir a reprodução social como domínio das mulheres dentro da família privada, ela inventou o novo imaginário burguês da domesticidade, das “esferas separadas”, do “refúgio em um mundo sem coração” e do “anjo no lar”, mesmo enquanto privava a maior parte das pessoas das condições necessárias para realizar esses ideais.

Abalado pela crise, o regime liberal deu lugar, no século XX, a uma nova variante da sociedade capitalista, gerida pelo Estado. Nessa fase, baseada na produção e no consumo de massa, a reprodução social foi parcialmente socializada, por meio da provisão de “bem-estar social” pelo Estado e pelas empresas. O modelo cada vez mais antiquado das “esferas separadas” cedeu lugar à nova norma, mais “moderna”, do “salário familiar”. Segundo essa norma, fortemente apoiada pelos movimentos trabalhistas, o operário industrial deveria receber remuneração suficiente para sustentar toda a sua família, permitindo que sua esposa se dedicasse integralmente aos filhos e ao lar. Mais uma vez, apenas uma minoria relativamente privilegiada alcançou esse ideal; mas ele constituía uma aspiração para muitos outros – ao menos nos ricos Estados do núcleo capitalista do Atlântico Norte. As colônias e pós-colônias foram excluídas desses arranjos, que se apoiavam na contínua exploração do Sul global. Além disso, havia assimetrias raciais intrínsecas aos Estados Unidos, onde trabalhadores domésticos e agrícolas eram excluídos da seguridade social e de outras formas de provisão pública. E, naturalmente, o salário familiar institucionalizou a dependência feminina e a heteronormatividade. O capitalismo estatal não foi, então, uma era de ouro, mas ainda assim era bastante diferente do que temos hoje.

Hoje, é claro, o ideal do salário familiar está morto. Ele foi vítima, por um lado, da queda dos salários reais, que torna impossível sustentar uma família com um único salário (a menos que se pertença ao 1%); e, por outro lado, do sucesso do feminismo, que deslegitimou a ideia da dependência feminina embutida no salário familiar. Como consequência desse duplo golpe, temos agora a nova norma da “família de dois provedores”. Encantador, não é? Desde que você não esteja solteiro(a). No entanto, assim como o ideal do salário familiar, trata-se também de uma ilusão. A nova norma mascara o forte aumento no número de horas de trabalho remunerado agora exigidas para sustentar um lar. Se o lar inclui crianças, parentes idosos ou pessoas doentes ou com deficiência que não podem atuar como trabalhadores em tempo integral, tanto pior. E se for uma família monoparental, é ainda pior. Some-se a isso o fato de que o ideal dos dois provedores está sendo promovido em um momento de

cortes na provisão estatal. Entre a necessidade de aumentar a jornada de trabalho e a redução dos serviços públicos, o regime capitalista financeirizado está sistematicamente esgotando nossas capacidades de sustentar os vínculos sociais. Essa forma de capitalismo está levando nossas energias de cuidado ao limite. Essa “crise do cuidado” deve ser compreendida estruturalmente. Longe de ser contingente ou acidental, ela é a expressão, nas condições atuais, de uma tendência à crise da reprodução social que é inerente à sociedade capitalista, mas que assume uma forma especialmente aguda no regime atual do capitalismo financeirizado.

LEONARD: *Você pode falar um pouco mais sobre o papel do feminismo nessa crise? As feministas não tinham como objetivo criar uma família de dois provedores que enfrenta dificuldades.*

FRASER: Não, é claro que não. Mas permanece uma questão profunda e perturbadora sobre qual papel o feminismo desempenhou nisso tudo. As feministas rejeitaram o ideal do salário familiar, considerando-o uma institucionalização da dependência feminina – e com razão. Mas nós fizemos isso justamente no momento em que a realocação da indústria derrubou essa ideia do ponto de vista econômico. Em outro mundo, talvez o feminismo e as mudanças industriais não tivessem se reforçado mutuamente, mas, neste mundo, o fizeram. Como resultado, mesmo que os movimentos feministas não tenham, de forma alguma, *causado* essa mudança econômica, acabamos, sem querer, conferindo uma certa legitimação para ela. Fornecemos algum carisma, algum lastro ideológico às agendas de outros.

Mas não nos esqueçamos, enquanto isso, de que realmente existem feministas neoliberais que aderem plenamente a essa agenda – e que representam o 1%. Ouso dizer que parece que estamos prestes a eleger uma delas como presidente dos Estados Unidos. Aliás, feministas neoliberais *são* feministas; não podemos dizer que não são. Mas, nessa corrente do feminismo, vemos as ideias feministas simplificadas, truncadas e reinterpretadas em termos favoráveis ao mercado, como, por exemplo, quando se pensa a subordinação das mulheres em termos de discriminação que impede mulheres talentosas de chegarem ao topo. Esse tipo de pensamento valida todo o imaginário corporativo hierárquico. Legitima uma visão de mundo fundamentalmente hostil aos interesses da maioria das mulheres, e de todos os povos do mundo, de fato. E essa versão do feminismo oferece um verniz emancipatório à predação neoliberal.

LEONARD: *Você pode falar um pouco mais sobre como a distribuição do trabalho de cuidado em nossa economia financeirizada coloca as mulheres umas contra as outras?*

FRASER: Com certeza. Hoje temos uma organização dual do trabalho de cuidado: aquelas que podem pagar por ajuda doméstica simplesmente o fazem, enquanto as que não podem se viram para cuidar de suas famílias, muitas vezes realizando o trabalho remunerado para o primeiro grupo, frequentemente por salários muito, muito baixos e praticamente sem nenhuma proteção. Temos começado a ver campanhas por direitos e salários dignos nesse setor. Trata-se então, claramente, de um confronto direto de interesses. Sempre achei irônica a ideia de “*lean in*” de Sheryl Sandberg⁴; suas leitoras só conseguem imaginar “se inclinar” nas salas de conselho das empresas na medida em que podem se apoiar *nas* trabalhadoras do cuidado mal remuneradas que limpam seus banheiros e casas, trocam as fraldas de seus filhos, cuidam de seus pais idosos, e assim por diante.

E precisamos falar sobre raça aqui. Afinal, são principalmente mulheres imigrantes não brancas, mulheres negras e mulheres latinas que realizam esse trabalho. Basta ir a qualquer parque em um bairro de classe média de Nova York para ver isso – é nítido. Existem países cuja única estratégia de suposto “desenvolvimento” consiste em facilitar a emigração de mulheres para países e regiões ricas com esse propósito. As Filipinas, por exemplo, dependem fortemente das remessas de dinheiro feitas por trabalhadoras domésticas que o próprio país envia para o exterior. E trata-se de uma troca de trabalho organizada pelo Estado – é a estratégia de desenvolvimento do Estado. Os países em questão foram submetidos a ajustes estruturais. Eles estão endividados, falidos e precisam de moedas fortes, e não têm outra maneira de obtê-las senão enviando suas mulheres para realizar esse trabalho, deixando seus próprios filhos e famílias aos cuidados de outras pessoas pobres. Eu não estou sugerindo, aliás, que o trabalho de cuidado nunca deva ser remunerado, mas faz muita diferença como é pago, como é organizado e por quem.

LEONARD: *Existe algum trabalho de organização específico que, na sua visão, seja capaz de atacar a raiz desses problemas?*

FRASER: Há um movimento formidável de organização e ativismo acontecendo, muita criatividade, muita energia. Mas tudo isso permanece bastante disperso e ainda não alcança o nível de um projeto contra-hegemônico capaz de transformar a organização da reprodução social. Se você somar as lutas por uma semana de trabalho

4. N.T: A ideia de *lean in* (“inclinarse”) foi formulada pela executiva Sheryl Sandberg no livro *Faça acontecer: Mulheres, trabalho e a vontade de liderar* (2013) [*Lean in: Women, work, and the will to lead*]. O termo sugere que, para crescerem em suas carreiras e “atingirem seu potencial” profissional, as mulheres “se inclinem” – isto é, se afirmem de forma confiante e ativa – em ambientes de trabalho e em outras esferas de poder.

mais curta, por uma renda básica incondicional, por creches públicas, pelos direitos das trabalhadoras domésticas migrantes e das profissionais que atuam em casas de repouso, hospitais e creches privadas – e ainda somar as lutas por água potável, moradia e contra a degradação ambiental, especialmente no Sul global –, o que resulta, na minha opinião, é a reivindicação de uma nova forma de organizar a reprodução social.

As lutas em torno da reprodução social são praticamente onipresentes. Elas apenas não recebem esse rótulo. Mas se, porventura, essas lutas se reconhecessem dessa forma, haveria uma base poderosa para articulá-las em um amplo movimento de transformação social. E se também compreendessem que a base estrutural da atual crise do cuidado é a tendência inerente do capitalismo de subordinar a reprodução à produção, então as coisas poderiam ficar realmente interessantes.

LEONARD: *Dado o interesse crescente pelo socialismo entre os jovens americanos, você relaciona a luta pela reprodução social à luta pelo socialismo?*

FRASER: Com certeza. Considero-me socialista democrática, assim como Bernie Sanders, mas vivemos em uma época em que temos de admitir francamente que não sabemos exatamente o que isso significa. Sabemos que não tem nada a ver com a economia planejada autoritária ou com o modelo de partido único do comunismo. Sabemos que significa algo mais profundo, mais sólido e mais igualitário do que a social-democracia. Sabemos que não pode se limitar a um Estado-nação em um mundo onde exploração, expropriação e extração são profundamente transnacionais. Em outras palavras, sabemos tudo o que não pode ser, mas temos dificuldade em definir um programa positivo.

Um ponto sobre o qual eu insisto é que repensar a reprodução social deve estar no centro de qualquer forma de socialismo que possamos considerar desejável no século XXI. Como deve ser reinventada hoje a distinção entre reprodução e produção, e o que pode substituir a família de dois provedores? É interessante – se olharmos para a história do socialismo, mesmo o velho socialismo utópico, que Marx e Engels rejeitaram com notoriedade, havia um grande foco no que estou chamando de reprodução social: como organizar a vida familiar e comunitária, e assim por diante. Era utópico de maneiras que não funcionam para nós, mas a problemática estava presente, e mesmo na história do socialismo industrial moderno, marxista e não marxista, essa problemática surgiu e desapareceu. Na maior parte das vezes, ela foi tratada como secundária em relação à questão de como organizar a industrialização e planejar a produção. Mas se você se concentrar em apenas um dos polos da díade produção/reprodução, o outro voltará para te morder de maneiras imprevistas e isso arruinará todo o projeto.

LEONARD: *Muitas das questões que você levanta sobre a vida social e a família voltaram a parecer utópicas, como algum tipo de vestígio dos anos 1960, e não necessariamente centrais para um programa socialista. Ainda assim, você argumenta que estamos, na verdade, em um ponto de crise – essas questões precisam ser centrais. O desafio da reprodução social é tão fundamental na experiência cotidiana de todos, que me surpreende o fato de estar frequentemente ausente no atual renascimento do socialismo.*

FRASER: Concordo plenamente. Dada a gravidade desta crise da reprodução social, seria utópico, no mau sentido, que a esquerda não se concentrasse nisso. A ideia de que poderíamos, de alguma forma, reativar a indústria manufatureira, isso sim é utópico – novamente, no mau sentido. Ao contrário da ideia de construir uma sociedade que parta do pressuposto de que todo adulto é uma pessoa com responsabilidades primárias de cuidado, engajamentos comunitários e compromissos sociais. Isso não é utópico. É uma visão baseada na realidade da vida humana.

LEONARD: *Você vê um papel positivo para a tecnologia em tudo isso, ou a mecanização do trabalho doméstico leva apenas a mais uma forma de “se afirmar” [lean in] na carreira? Recentemente, ouvimos muito sobre o congelamento de óvulos no Google, que tem o objetivo de permitir que as mulheres trabalhem por mais tempo antes de ter filhos. Já que tendemos a pensar que muitas tarefas industriais rotineiras deveriam ser mecanizadas, você vê o trabalho de cuidado da mesma forma? Ou ele é íntimo demais para isso?*

FRASER: Certamente não sou uma ludita. Eu aprecio muito ter uma lâmpada elétrica para ler à noite, poder conversar com você pelo *Skype* de longe, e assim por diante. Não sou contra nem mesmo aquelas tecnologias sobre as quais escrevi críticas, como a congelamento de óvulos ou as bombas mecânicas de extração de leite materno. A questão é o contexto: como são produzidas e usadas, por quem e em benefício de quem. Então eu conseguiria facilmente imaginar um contexto em que a disponibilidade dessas tecnologias possa representar uma escolha legítima. De forma alguma estou aqui para envergonhar alguém pelas escolhas extremamente limitadas que fazemos entre opções muito ruins e restritas.

Eu também acho que as atividades voltadas a sustentar a conexão social contêm um elemento pessoal ineliminável. Elas são, por definição, intersubjetivas, envolvendo comunicação entre pessoas e, em alguns casos, contato físico. Isso vai contra a ideia de uma mecanização total do cuidado. Mas, por outro lado, duvido que possamos imaginar a automação completa de qualquer coisa, se isso significar a eliminação de toda intervenção humana.

LEONARD: *Certo, porque, de certa forma, estamos apenas falando de tempo. Mecanizamos coisas como o cuidado para nos poupar tempo, porque não temos o suficiente. E só numa situação em que se dispõe de tempo suficiente é que realmente se descobre o que se quer mecanizar.*

FRASER: Sinto-me bastante segura de que não quero lavar toda a minha roupa à mão e já sei que há muitas coisas nas quais não quero gastar meu tempo. Eu adoraria ter mais tempo para fazer outras coisas, inclusive participar de conversas como esta.

Resumo

A crise do cuidado do capitalismo: Conversando com Nancy Fraser

Esta entrevista foi concedida à revista *Dissent* em 2016, quando Nancy Fraser se tornava uma das vozes mais influentes no feminismo de inspiração marxista a tratar o tema da chamada “crise do cuidado”. Para ela, tal crise seria uma expressão das contradições socioreprodutivas do capitalismo atual. Isso significava dizer que as crescentes pressões sobre o cuidado não seriam acidentais, mas teriam raízes sistêmicas, porque assentadas na estrutura de uma ordem social que Fraser caracterizou como capitalismo financeirizado. Daí porque, a seu ver, a crise da reprodução social não seria independente e nem poderia ser adequadamente compreendida por si só. Mas, se tal crise aponta para as contradições na forma financeirizada do capitalismo, também sinaliza para os limites socioreprodutivos da própria sociedade capitalista. Na entrevista, Fraser também explora o tema das profundas diversidades entre vertentes do feminismo e as notáveis heterogeneidades entre as mulheres, especialmente marcadas por desigualdades raciais na divisão do trabalho do cuidado. Sua formulação contribuiu para trazer o tema da reprodução social para o centro da interpretação da dinâmica do capitalismo, e esta entrevista flagra a autora em um dos momentos de maior proeminência dessas suas ideias no debate acadêmico e na cena política do feminismo. Palavras-chave: Nancy Fraser; Reprodução Social; Crise do Cuidado; Feminismo; Lutas Sociais.

Abstract

Capitalism's crisis of care: a conversation with Nancy Fraser

This interview was published in *Dissent* magazine in 2016, when Nancy Fraser was becoming one of the most influential voices in Marxist-inspired feminism addressing the so-called “crisis of care.” For her, this crisis expresses the socio-reproductive contradictions of contemporary capitalism. This means that the increasing pressures on caregiving are not accidental, but have systemic roots, because they are based on the structure of a social order that Fraser characterized as financialized capitalism. Therefore, in her view, the crisis of social reproduction is neither independent nor adequately understood on its own. But, if this crisis points to the contradictions in the financialized form of capitalism, it also signals the socio-reproductive limits of capitalist society itself. In the interview, Fraser also explores the profound diversities between strands of

feminism and the notable heterogeneities among women, especially marked by racial inequalities in the division of care work. Her ideas contributed to bringing the theme of social reproduction to the center of the interpretations on capitalistic dynamics, and this interview captures the author at one of the moments when her ideas were most prominent in academic debate and in the political scene of feminism.

Keywords: Nancy Fraser; Social Reproduction; Crisis of Care; Feminism; Social Struggles.

NANCY FRASER é titular da cátedra Henry A. and Louise Loeb de Ciências Políticas e Sociais da New School University, em Nova York.

SARAH LEONARD, no momento da entrevista, em 2016, era redatora-chefe de *Nation* e editora convidada de *Dissent*, periódicos nos quais continua atuando como editora convidada. Atualmente é editora-chefe do *Lux Magazine*.

Declaração de disponibilidade de dados não se aplica.